



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ROMANCE A SENHORA DE
WILDFELL HALL, DE ANNE BRONTË**

DENISE MARTINS SIMINO

Brasília

2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ROMANCE A SENHORA DE WILDFELL
HALL, DE ANNE BRONTË

DENISE MARTINS SIMINO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de
Brasília, para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo de
Castro

Co orientador: Profa. Dra. Cíntia
Carla Moreira Schwantes

Brasília
2020

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ROMANCE A SENHORA DE WILDFELL HALL, DE ANNE BRONTË

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE NOVEL THE TENANT OF WILDFELL HALL,
BY ANNE BRONTË

Denise Martins Simino¹

RESUMO: O romance *A senhora de Wildfell Hall*, de Anne Brontë, é considerado um dos primeiros textos literários que aborda temas como violência doméstica e divórcio. Este artigo empreende uma análise da representação da violência contra a mulher durante o casamento da protagonista, Helen, com Arthur Huntingdon e faz uma breve exposição sobre como a obra foi recebida quando lançada. Para analisar o tema principal, será utilizada a fortuna crítica da obra, com ênfase sobre a questão da violência contra a mulher, casamento e divórcio na Inglaterra vitoriana.

Palavras-chave: *A senhora de Wildfell Hall*, literatura inglesa, feminismo, violência contra a mulher, Anne Brontë.

ABSTRACT: *The Tenant of Wildfell Hall*, by Anne Brontë, is considered one of the first literary texts that addresses topics such as domestic violence and divorce. This article undertakes an analysis of the representation of violence against women during the protagonist's wedding, Helen, to Arthur Huntingdon and makes a brief presentation on how the work was received when launched. To analyze the main theme, the work's critical fortune will be used, with an emphasis on the issue of violence against women, marriage and divorce in Victorian England.

Keywords: The Tenant of Wildfell Hall, English literature, feminism, violence against women, Anne Brontë.

1. Introdução

Anne Brontë é a menos conhecida das Irmãs Brontë. Quando se fala no sobrenome famoso do séc. XIX é comum vir à memória Emily e Charlotte, que escreveram respectivamente *O morro dos ventos uivantes* e *Jane Eyre*. Anne escreveu dois livros que tiveram sucesso menor que os das irmãs: Agnes Grey, um romance de formação sobre os percalços de uma preceptora, e *A senhora de Wildfell Hall*, objeto de análise deste artigo. Publicado em junho de 1848, *A senhora de Wildfell Hall* narra o casamento conturbado entre Helen e Arthur Huntingdon, e seus desdobramentos.

¹ Graduanda em Jornalismo da UnB.

A obra reflete em parte as convicções religiosas da autora, a quem os biógrafos atribuem qualidades de praticidade e pragmatismo. Isso pode ser depreendido do enredo do romance, que desconstrói a crença disseminada na época, de que uma esposa virtuosa e cristã seria capaz de regenerar um marido imoral. Acreditando nisso, Helen casa-se com Huntingdon, apesar de ter sido avisada por amigos e familiares que ele não tinha uma boa índole. Ela acreditava que poderia reeduca-lo, inculcando nele uma conduta moral, pois para as mulheres daquela época era ensinado que através da persuasão e auto sacrifício elas poderiam salvar seus maridos. Isso, no entanto, não aconteceu e Helen passa a sofrer humilhações na sua vida de casada, a ser traída e agredida pelo marido.

Após um ano do casamento, Helen tem um filho e teme que ele, seguindo os passos do pai, se perca em uma vida de devassidão. Ela decide se separar do marido, mas ele não permite pois quer salvaguardar seu nome. Os dois passam a viver um casamento de aparência, praticamente a única opção para as mulheres que não queriam mais ser casadas, na época. O séc. XIX marca as primeiras manifestações contra o casamento e a desigualdade entre homens e mulheres nessa parceria, e Anne Brontë toma parte dessa tomada de consciência através dessa obra. Com o casamento infeliz de Helen e Huntingdon, o romance desconstrói o ideal de amor que supera todas as coisas.

Nesse período também o divórcio começava a se disseminar, mas era exclusivo da classe mais alta. O índice de mulheres solteiras e viúvas cresceu e a mulher passa a encontrar outras fontes de renda para sobreviver após um casamento que não desse certo. No livro a Helen utiliza a venda de suas pinturas de quadro como fonte de renda, já que todo o dinheiro era de Huntingdon. Ao abandonar o marido por não tolerar mais a situação que estava vivendo, uma atitude ainda rara, na literatura como na vida, ela vai contra as crenças religiosas e morais que lhes foram ensinadas.

O objetivo deste artigo é verificar a representação da violência contra a mulher no romance *A senhora de Wildfell Hall*, de Anne Brontë. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, sendo feito um levantamento de autores e conceitos relacionados ao tema violência contra a mulher, casamento e divórcio na Inglaterra vitoriana. A partir dessa obra, foram problematizadas questões sobre a instituição do casamento, lei do divórcio e como o público recebeu a obra.

2. Contextualizando a posição da mulher na Era Vitoriana

Em *A senhora de Wildfell Hall*, Anne Brontë reflete sobre a violência contra a mulher, religião, casamento por conveniência e divórcio. Estudiosos da lei associam os movimentos feministas que vieram depois da publicação do livro, cerca de 2 anos, como precursores do que viria a ser criado em 1857 como a Lei do Divórcio. Ela dava a mulher o direito de se separar.

O período conhecido como Era Vitoriana compreende o reinado da Rainha Victoria da Inglaterra, de 1837 a 1901. Nesse momento, a classe média inglesa almejava um modelo de família para servir e proteger, sendo a vida conjugal um ideal para homens e mulheres, embora seus papéis nessa parceria fossem diferentes. Sendo uma época pacífica, 1830 a 1860, os homens tinham poucas ocupações e se dedicavam mais a atividades empresariais. O dia era basicamente dividido entre a vida conjugal e a vida profissional, sendo a conjugal onde suas “necessidades mais importantes” eram atendidas e a profissional onde ele obtinha o sustento da família (KALSBECK, 2016). Com essa divisão os homens viviam uma vida dupla e para terem um tempo exclusivo para si, foram criados os clubes de cavalheiros e os apartamentos particulares (TOSH, 2007 apud KALSBECK, 2016).

Ao homem sendo dado o papel de provedor da família, à mulher era dada a responsabilidade de cuidar da casa e filhos. A mulher era uma figura sagrada e submissa ao marido e que velava pela moral de toda a família; ela não podia demonstrar emoções fortes para não abalar a paz da casa. A submissão também se aplicava à violência doméstica, que era sofrida em silêncio e não podia ser revidada (KALSBECK, 2016). Caso isso acontecesse os dois sofreriam consequências legais, se o assunto fosse levado aos tribunais (SURRIDGE, 1994 apud KALSBECK, 2016). A educação das crianças também era de responsabilidade da mulher. Quando a criança era uma menina não havia problemas; no caso dos meninos a supervisão da mãe ia até certo ponto para que a feminilidade dela não interferisse na masculinidade dele (TOSH, 2007 apud KALSBECK, 2016), sendo sucedida por um período em uma escola interna.

A era vitoriana também marcou o período da criação de leis que protegiam as mulheres no casamento. Quando uma mulher se casava, sua posição mudava, pois ela passava a ser propriedade do marido e por isso não podia processá-lo, e nem tinha direitos perante a lei. No entanto, a ideia de que o que acontecia em casa devia ficar em segredo passou a ser muito criticada (KALSBECK, 2016).

Em 1857 foi criada a Lei de Causas Matrimoniais, popularmente conhecida como Lei do Divórcio. Até então, só os homens podiam se divorciar. Depois da lei as mulheres também podiam, porém elas precisavam de provas adicionais para isso, como bigamia e incesto. Entretanto, a Lei do Divórcio só ficou completa com a criação da Lei de Propriedade da Mulher Casada, em 1882. Antes dela, eram de posse do marido todas as propriedades e dinheiro; depois da lei de 1882 foi permitido à mulher que mantivesse para si seus ganhos de antes do casamento, herdados, e os que conseguisse durante o casamento, no caso de salário (KALSBECK, 2016).

Por abordar questões que só seriam discutidas na segunda metade do séc. XIX, como violência doméstica, *A senhora de Wildfell Hall* tem sido apontado como um dos primeiros textos literários feministas (DOUB, 2015). No romance a autora chama a atenção para o abuso contra a mulher envolvendo um casal da classe alta, quando os jornais vitorianos da época apontavam esse problema apenas como sendo das classes mais baixas (DOUB, 2015). Tess O’Toole comenta que Anne Brontë faz uma “descrição extremamente franca e detalhada da experiência de uma mulher em um casamento abusivo” (O’TOOLE, 2014, p. 715 apud DOUB, 2015).

Em *The History of Sexuality*, Michel Foucault (1990) comenta que nos séculos XVIII e XIX houve uma explosão discursiva sobre sexo e o que era aceitável durante o ato (DOUB, 2015). Estupro estava na lista de pecados, mas se discutia quem poderia cometê-lo. No casamento o marido podia cometer o abuso sexual sem ser punido, pois a lei lhe dava direito sobre a mulher. A origem desse direito data de 1736, com o tratado *Historia Placitorum Coronæ: The History of the Pleas of the Crown* escrito pelo teórico de direito penal Sir Matthew Hale. Esse tratado afirma que após a consumação do casamento o marido não poderia ser acusado de estupro por ter relações com sua legítima esposa. Esse tratado ainda estava em vigor no período vitoriano, época em que Anne Brontë escreveu *A senhora de Wildfell Hall*, e pode ter servido de inspiração para a autora (DOUB, 2015).

Incluir o tema do abuso sexual em um livro pode ter sido inédito, mas o fato acontecer na vida real não. Jesse F. Battan (2014) observa que de 1850 a 1900 “o retrato vivido das esposas submissas e inocentes que foram abusadas sexualmente está presente nos relatos feministas contra o sistema patriarcal” (BATTAN, p. 168, 2014 apud DOUB, 2015). Em 1850, vários panfletos e jornais escritos por mulheres relatavam maus-tratos dentro dos casamentos (DOUB, 2015).

Porém, para encontrar esses relatos é preciso levar em consideração que os termos violência doméstica e abuso sexual não existiam na época. De acordo com o *Oxford English*

Dictionary o termo “wife beating” apareceu pela primeira vez na coleção de Mary Russel Mitford, *Our Village: Sketches of Rural Character and Scenery*, em 1830. Jesse F. Battan (2014) revela ainda que o “dever conjugal” obrigava as mulheres a se submeterem às necessidades sexuais mais extremas de seus maridos (DOUB, 2015).

Estudiosos como Jacobs N. M. (2016) afirmam que Anne Brontë retratou apenas abusos psicológicos entre Helen e Huntingdon, mas há muito a ser dito se realmente não houve abuso físico. A violência física explícita era outro tabu nas narrativas, especialmente por causa da regra não escrita de que mulheres não podiam escrever sobre o assunto. A cena em que Helen aponta uma espátula para o amigo de Huntingdon, Sr. Hargrave, mostra a urgência em se defender e a possibilidade de uma violência física, mesmo que não esteja lidando com o marido nessa cena em específico (KALSBECK, 2016).

Para transmitir a ideia de violência, Anne Brontë usou técnicas diferentes e bem-sucedidas. Uma delas foi mostrar homens maltratando animais em vez de mulheres (KALSBECK, 2016). Enquanto as leis que protegiam as mulheres ainda não estavam em vigor, em 1822 foi promulgada a primeira lei contra maus-tratos à animais (GODFREY, 2011 apud KALSBECK, 2016). A técnica de ter homens cometendo violência contra animais não era nova; Anthony Trollope já havia usado o recurso (KALSBECK, 2016).

3. A violência contra a mulher no romance de Anne Brontë

A narrativa de *A senhora de Wildfell Hall*, Anne Brontë, pode ser dividida em três partes. A primeira consiste na chegada da Sra. Graham ao pequeno condado no qual a estória se passa e como ela desperta a curiosidade dos moradores, que não tinham muito alimento para suas conversas, por ser reclusa e morar só com o filho e uma empregada. A segunda consiste no diário de Helen, em que ela narra o casamento com Arthur Huntingdon, que será analisado no artigo. A terceira é o desfecho da narrativa. A primeira e a terceira partes são narradas em primeira pessoa por Gilbert Markham, e a segunda é vazada na voz de Helen, contando o que passou no casamento com Huntingdon.

Nas primeiras páginas do diário, Helen tem uma conversa sobre casamento com a tia Maxwell, que a criou após a morte da mãe, quando ela era muito pequena. Como está prestes a debutar, a tia a avisa para não entregar seu coração “para o primeiro tolo sem princípios que a cobiçar” (BRONTË, 2017, p. 139) e a alerta:

Se se casar com o homem mais bonito, mais talentoso e mais superficialmente agradável do mundo, mal sabe a desgraça que vai se abater sobre você, se, no fim

das contas descobrir que ele é um depravado indigno, ou mesmo um tolo inútil (BRONTË, 2017, pg. 140).

Porém, logo depois da conversa, Helen conhece Arthur Huntingdon e se encanta por ele. Huntingdon não a trata como uma criança e lhe passa a sensação de estar no controle, de ser independente. Na sua inocência, Helen acredita que Huntingdon está disposto a mudar os “pequenos” desvios de conduta que apresenta, como ser libertino e beber em demasia (COLÓN, 2006). Além disso, Helen o deseja fisicamente e eles trocam beijos antes de se envolverem adequadamente (KALSBECK, 2016). O desejo físico da mulher não era considerado e pouco discutido, o que levou Helen a acreditar que estavam destinados um ao outro (LANGLAND, 1992 apud KALSBECK, 2016). Apesar do recato que a mulher tinha que ter na época, Helen ainda consegue sentir desejo. Ao mostrar isso, Anne Brontë discretamente demonstra que a espiritualidade e o físico podem coexistir nas mulheres. Ao perceber o interesse da sobrinha por Huntingdon, a tia Maxwell tenta aconselhar Helen sobre o caráter e índole do pretendente, mas Helen se concentra na bondade dele e acredita que pode salvá-lo (KALSBECK, 2016).

– [...]E imagina que esse alegre e leviano libertino vai se permitir ser guiado por uma moça jovem como você?

– Não; não desejo guiá-lo. Mas acho que teria influência suficiente para salvá-lo de alguns erros e consideraria útil uma vida passada no esforço de preservar uma natureza tão nobre da destruição. [...] E, de vez em quando, ele diz que se me tivesse sempre ao seu lado jamais diria ou faria qualquer coisa má, e que conversar comigo todos os dias o transformaria num santo (BRONTË, 2017, pg. 157).

Para salvá-lo, Helen está disposta a arriscar a própria felicidade. Seu desejo de moralizar Huntingdon segue perfeitamente o ideal doméstico da esposa que orienta a todos para um caminho melhor, ou seja, é a figura que representa a moral da família (KALSBECK, 2016). Helen faz esse “sacrifício” confiando que com a religião e a moralidade será capaz de transformá-lo (COLÓN, 2006).

Tenho tanta confiança nesse homem, tia, apesar do que a senhora diz, que de bom grado arriscaria minha felicidade pela chance de assegurar a dele. Deixarei os homens melhores para aqueles que só pensam em sua própria vantagem. Se ele errou, considerarei minha vida útil se passá-la salvando-o das consequências de seus erros de juventude e tentando trazê-lo de volta ao caminho da virtude. Que Deus permita que eu seja bem-sucedida! (BRONTË, 2017, pg 158).

Há algo secreto – um instinto profundo que me assegura de que estou certa. A essência do Sr. Huntingdon é boa – e que deleite será descobri-la! Se ele se desviou do caminho, que bênção será reconduzi-lo! Se agora está exposto à influência maldita de companheiros perversos e corruptos, que glória será livrá-lo deles! (BRONTË, 2017, pg 161).

Tia Maxwell tenta alertar Helen de que o casamento com Huntingdon pode não ser bem sucedido usando sua interpretação da Bíblia, segundo a qual Huntingdon, por ter todas as

possibilidades de seguir a Deus e não o fazer, estará condenado ao inferno para sempre: “[...] os ímpios voltaram ao inferno, assim como os povos todos que esquecem a Deus!” (BRONTË, 2017, pg 184). Mas Helen tem uma resposta para isso, apoiando-se no Universalismo², ao dizer que Huntingdon não passaria a eternidade no inferno se se arrependesse.

Para sempre, não! – exclamei. – Só até que pague o último centavo, pois aquele cuja obra for consumida perderá a recompensa, mas ele próprio será salvo, como que através do fogo. E irá, na plenitude do tempo, somar todas as coisas em Cristo, que provou a morte em favor de todos os homens, e através de quem Deus irá reconciliar todos os seres, os da Terra e os dos céus (BRONTË, 2017, pg 185).

Os sonhos de Helen em transformar o marido em uma pessoa melhor logo são desfeitos e o casamento com Huntingdon é percebido como um erro sem volta. Ela acaba fazendo o que a maioria das mulheres fazem, ainda hoje, quando passam por situações de abuso: guardam para si a dor e lutam essa batalha sozinha (BULLOCK, 2004).

O mais perto de uma descrição aberta de abuso físico contra Helen aparece na cena em que Huntingdon joga um livro no cachorro da família por ele não ter atendido seu chamado. Como o cachorro estava ao lado dele Helen, ela também é atingida. Helen o questiona se na verdade Huntingdon não estava querendo acertá-la e ele responde: “Não... mas vejo que você também teve um gostinho” (BRONTË, 2017, p. 219). Até que ponto Huntingdon força Helen não fica claro, mas suas ações incluem beijos forçados, contato físico e avanços íntimos indesejados, e essas características indicam agressão sexual (DOUB, 2015).

Já a violência sofrida pela personagem secundária Milicent Hattersley é explícita. Antes de se casar com Ralph Hattersley, amigo de Arthur Huntingdon, Milicent tinha dúvidas em relação aos modos de Ralph e comenta isso com Helen. Porém, assim como Helen é avisada sobre não se casar com Arthur e o faz assim mesmo, Milicent também se casa com Hattersley. Depois do casamento, ela pede que Helen queime as cartas que trocaram questionando as atitudes dele, pois agora está acostumada aos modos do marido e que aprendeu a amá-lo dessa forma: “E, agora que Milicent está acostumada com a voz alta e os modos abruptos e rudes do Sr. Hattersley, afirma que não tem dificuldade em amá-lo como uma esposa deve amar o marido...” (BRONTË, 2017, p. 234). Por ser uma personagem secundária, Helen não acompanha o casamento de Milicent e Hattersley de perto, mas quando eles visitam os dois, as cenas de violências são narradas por ela em seu diário. Em uma festa

² Em cartas trocadas com o reverendo David Thom, Anne Brontë revela sua crença no Universalismo, doutrina que prega à salvação eterna para todas as pessoas, em virtude da bondade de Deus (COLÓN, 2006).

quando os dois estão juntos com Helen, Huntingdon e outros amigos, eles discutem e a cena se desenrola da seguinte forma:

– Maldita seja você, sua impertinente! – gritou ele.

E atirou-a para longe com tamanha violência que a fez cair no chão. Mas Milicent se levantou antes que eu ou seu irmão tivéssemos a chance de ir ajuda-la (...) (BRONTË, 2017, p. 287).

A conversa que precede esta cena tem uma frase de Milicent que é uma das mais angustiantes do livro: “Lembre-se de que não estamos em casa”. O que de fato ela está querendo dizer é “lembre-se de que não estamos no lugar onde você pode me machucar sem ninguém ajudar ou ficar sabendo”. É doloroso pensar que a violência acontece em casa, considerado refúgio ou porto seguro para qualquer pessoa, e que a brutalidade de um marido bêbado é demonstrada em uma festa, na frente de todos.

A última cena de violência explícita do livro também acontece em uma reunião de amigos, na casa de Helen e Huntingdon. Os homens estão presos em casa por causa do mau tempo e não conseguem sair para caçar. Eles começam a conversar sobre cavalos e a falta de Annabella Lowborough no recinto chama a atenção de Hattersley, que solta vários elogios à dama na frente da esposa, Milicent. Ela fica desgostosa com a forma maliciosa com que Hattersley falou de outra mulher e eles começam a discutir.

– Sim, mas idolatrar não é amar. Idolatro Annabella, mas não a amo; e amo a ti, Milicent, mas não te idolatro.

Para provar sua afeição, ele agarrou um punhado de seus cachos castanho-claros e puxou-os sem piedade.

– Ama mesmo, Ralph? – murmurou ela com um leve sorriso por entre as lágrimas, apenas tocando a mão dele para indicar que estava puxando um pouco forte demais.

– É claro que amo. Você só me incomoda um pouco, às vezes. (...) (BRONTË, 2017, p. 287).

A vida no campo, afastado da cidade e dos amigos, não servia para Arthur Huntingdon, que logo se cansou do casamento e passava longos períodos fora de casa. Ele não tinha uma ocupação, passava seus dias bebendo e recebendo amigos que Helen considerava uma má influência. Com quase dois anos do casamento, um filho e várias tentativas malsucedidas de tentar orientar Huntingdon para uma vida correta, Helen percebe que não pode salvá-lo: “Talvez Deus pudesse despertar aquele coração indiferente e entorpecido pela autoindulgência e remover a membrana da escuridão mundana dos olhos dele, mas, para mim, era impossível” (BRONTË, 2017, p. 267). E pior, Helen não só não consegue mudar o marido, como tem a própria moral testada no casamento. No começo da união sua fé na

religião e moralidade estão intactos, mas com suas atribulações, Helen percebe que também tem inclinações para o pecado (COLÓN, 2006).

Coisas que antes me chocavam e me enojavam agora parecem naturais. Sei que são erradas, por que a razão e Deus o declaram; mas estou aos poucos perdendo aquele horror e aquela repulsa instintivos que a natureza me deu, ou que foram inculcados pelas lições e pelo exemplo de minha tia (BRONTË, 2017, pg 270).

Durante o casamento, Helen só pode recorrer a Deus para ter o apoio que deseja desesperadamente. A fé da personagem a ajuda a resistir ao desespero. Apesar de amar o marido e querer que ele seja um homem melhor, a lealdade maior de Helen é para Deus e é a sua fé que a sustenta quando tudo dá errado (COLÓN, 2006).

A frase “Não te deixarei, nem te desampararei”* pareceu ser sussurrada da miríade de astros. Não, não; senti que Ele não me deixaria sem consolo. Apesar da terra e do inferno, teria forças para enfrentar todas as minhas provações e ganharia meu descanso glorioso! (BRONTË, 2017, pg 313). *Epístola aos Hebreus 13:5. (N. da T.)

Descobrir a traição de Huntingdon com Annabella Lowborough impulsionou em Helen a vontade de deixá-lo, mas ele não permite. Eles então passam a viver um casamento de aparências, pois Helen não aceita mais ter relações com ele: “[...] daqui em diante, seremos marido e mulher apenas no nome” (BRONTË, 2017, p. 315). Huntingdon aceita isso, embora a lei da época lhe dê o direito de ter relações com sua esposa mesmo sem o seu consentimento. Huntingdon não tem medo de admitir que é infiel porque a lei está do seu lado, suas transgressões não teriam consequência em um tribunal, mas se Helen fosse infiel, Huntingdon poderia se divorciar (KALSBECK, 2016).

Percebendo que Huntingdon está cada vez mais indulgente com a própria vida e tentando influenciar o filho a ser como ele, Helen decide abandonar o marido. A gota d’água foi perceber que ele estava cometendo adultério com a governanta contratada para ensinar o pequeno Arthur. Se fosse pega, Helen tinha a opção de voltar para o marido abusivo, ou ser presa. Como tudo o que possuía era do marido, Helen não tinha economias, só poderia sustentar-se através da arte. Ela usa a pintura para prover-se quando foge do marido; o que antes era uma realização social passa a ser um meio de sobrevivência socialmente aceitável. O tema do livro é uma crítica sobre os arranjos financeiros no casamento, que serviam para prejudicar as mulheres (LEAVER, 2007).

O diário termina com a chegada de Helen, sob o nome de Sra. Graham, à pequena cidade que o romance se passa. Embora a análise deste artigo seja especificamente sobre o diário, vale ressaltar um ponto que acontece depois que ele finaliza. Helen volta a encontrar Huntingdon quando descobre que ele está doente, e o marido deseja ver o filho. Helen

concorda, mas com uma condição: que ele assine um contrato passando a guarda do filho para ela perante uma testemunha. As leis da época, como explicado mais acima, não davam à mulher a guarda do filho. Apesar do contrato ter a assinatura de Huntingdon e uma testemunha ele não tinha validade legal.

Logo depois Huntingdon morre; ao tornar-se viúva, e não divorciada, Helen passa a ter a guarda do filho e as posses que eram do marido (KALSBECK, 2016). A personagem que se divorcia é Annabella Lowborough e a ela Anne Brontë dá uma morte prematura afogada em dívidas e na miséria (KALSBECK, 2016).

4. O choque do público com o lançamento de *A senhora de Wildfell Hall*

A palavra “grosseiro” é o termo que mais aparece nas resenhas de *A senhora de Wildfell Hall* publicadas quando a obra foi lançada; outras expressões recorrentes sobre o romance são “nojento”, “revoltante” e “brutal”³. Ao mesmo tempo, os críticos não puderam deixar de admitir que a narrativa era caracterizada por seu pelo vigor, frescor e poder (THORNÄHLEN, 2019). Depois de dizer que o livro causava “horror e nojo” E. P. Whipple disse “os personagens são desenhados com grande poder e precisão, e as cenas são tão vívidas quanto a própria vida”. Isso seria considerado um elogio por qualquer escritor em qualquer momento, mas a sugestão que as cenas eram vívidas, reais, afastou os leitores. Outra resenha registrou que “os Bells deveriam ser avisados para não insistir no que é desagradável”⁴, referência à *O morro dos ventos uivantes*, que também recebeu críticas negativas quando publicado. No caso de *A senhora de Wildfell Hall*, nem mesmo o final feliz para os personagens principais superaram a recepção dos críticos de que ele era um livro que poucas pessoas teriam interesse em ler (THORNÄHLEN, 2019).

É importante entender o motivo que levou *A senhora de Wildfell Hall* a ter tantas críticas negativas, o choque pode ter sido um deles. Se ler o romance hoje não cause mais do que um incômodo, o público de meados do séc. XIX provavelmente ficou escandalizado ao se deparar com cenas de violência física e psicológica. As intenções morais de Anne Brontë não são o verdadeiro problema, mas o livro em si, já que a poderosa obra de ficção traz mais verdade do que a sociedade da época conseguia aguentar. A obra é rica em complexidade no que diz respeito à trama e estrutura narrativa e traz uma gama grande de perspectivas psicológicas e filosóficas (THORNÄHLEN, 2019).

³ E. P. Whipple em uma peça chamada ‘Novels of the Season’, na *North American Review* (outubro de 1848), pg 354–69.

⁴ Resenha anônima publicada no *The Athenaeum* em 8 de julho de 1848, pg 670–71.

Considerando que a ficção do séc. XIX era didática, com o propósito de melhorar a sociedade e encorajar o comportamento moral, o romance de Anne Brontë pode ser visto como subversivo porque difere dos outros neste aspecto. Uma das maneiras pelos quais ele demonstra sua complexidade é por meio das subtramas e o cuidado com personagens secundários. Uma passagem do livro que pode ter sido descrita como “ofensiva” ou “brutal” está no capítulo que sarcasticamente se chama Virtudes Sociais, anteriormente citado por conter violência doméstica. Os amigos Huntingdon, Grimsby e Hattersley estão bêbados em Grassdale Manor e o último tem um acesso de fúria contra Huntingdon, ameaçando matá-lo.

Mato mesmo, mas não como está imaginando. Vou arrancar seu coração, homem, se continuar a me irritar com essa risada imbecil! Ainda está rindo? Tome! Veja se isso aquieta você. (BRONTË, pg 288, 2017).

A cena de Milicent sendo agredida pelo marido Hattersley mostra a realidade de muitas mulheres do séc. XIX e como elas lidavam com isso, sendo submissas e obedientes. Os críticos sabiam que a violência fazia parte dos casamentos, mas não queriam ler isso nos livros. Outro ponto que traz realismo à obra de Anne Brontë é o alcoolismo presente em vários personagens do sexo masculino. Os escritores da época costumavam dizer que o vício em álcool era algo gradual, e que uma pessoa só se tornava viciada quando cruzava um certo limite (THORNMÄHLEN, 2019). É isso o que acontece com Arthur Huntingdon, que se gaba para a esposa dizendo que não é “um bebedor” e valorizando sua boa forma e aparência. Huntingdon acaba se tornando escravo da bebida.

O processo de queda de Huntingdon ao vício e à vilania parece ser acelerado pelo seu casamento com Helen, o que torna tudo ainda mais chocante. Ela não se mostra capaz de salvá-lo, ou mesmo melhorá-lo um pouco; a incompatibilidade de suas personalidades e o aumento do abismo entre eles contribui para a ruína do casamento. Ao mesmo tempo, a personalidade da própria Helen muda para pior; a garota inocente e entusiasmada endurece e se torna, como a própria Helen afirma, muito séria e triste. Se *A senhora de Wildfell Hall* tivesse sido escrito para moralizar os leitores e não como uma obra de ficção, talvez o relacionamento entre os dois tivesse seguido a fórmula da redenção, com a esposa salvando o marido graças a providência divina.

A linguagem obscena é outra característica de *A senhora de Wildfell Hall* que fez os críticos castigarem a obra e que hoje em dia passaria despercebido. Os palavrões tinham letras omitidas, mas as maldições eram explícitas, especialmente quando se referiam ao diabo. O crítico anônimo da *Shape London Magazine* ficou tão chocado com a linguagem “grosseira e

nojenta (...) colocada na boca de alguns personagens” que ele considerou o livro “impróprio para leitura”⁵.

A presença no livro de atração e desejo sexual também pode ser caracterizado como chocante, principalmente por partir de uma mulher. Começa com Gilbert Markham sentindo prazer pela proximidade com Eliza Millward e comentando sobre seu “rosto brilhante e peito arfante” (BRONTË, 2017, pg 34). Huntingdon também tem sinais físicos semelhantes em relação a jovem Helen. Em uma cena, a tia de Helen ordena que ela se afaste de Huntingdon até que “esse rubor chocante se dissipe um pouco e seus olhos recuperem em parte sua expressão normal” (BRONTË, 2017, pg 155). O fato de Helen se apaixonar tão fortemente por Huntingdon vai contra sua convicção de que ela nunca seria tentada a se casar com um homem sem princípios. Mas o fato de Helen também se sentir atraída por ele foi comentado pelos críticos. Depois Helen ainda demonstra sua atração por outro homem, Gilbert Markham, ainda que estivesse casada com Arthur Huntingdon. Tendo dado a ele uma flor (gesto perigoso), ela permite que ele segure a sua mão por um momento. Gilbert descreve a cena assim: “Ela permitiu que a segurasse por um momento e eu vi um lampejo em seus olhos, um brilho de felicidade e excitação no rosto. Achei que o momento de minha vitória chegara, mas então a Sra. Graham pareceu ter uma dolorosa lembrança (...)” (BRONTË, 2017, pg 97).

O uso da palavra “entusiasmo” e seus sinônimos é interessante. No livro *A senhora de Wildfell Hall* ela é usada junto com o álcool ou para descrever excitação erótica. Um exemplo memorável do último caso é a cena da biblioteca, onde o Sr. Hargrave tenta forçar Helen a ficar com ele e ela diz “nunca vi um homem tão terrivelmente agitado” (BRONTË, 2017, pg 367). Outra referência acontece no começo do diário de Helen, quando ela diz que Huntingdon a “sufocou com beijos” antes deles ficarem noivos. Quando Helen é repreendida pela tia por aceitar o pedido de casamento de Huntingdon sem o consentimento de seus tutores, Helen responde: “Não consegui evitar, tia – exclamei, irrompendo em lágrimas. Não eram lágrimas apenas de tristeza, ou de medo da desaprovação dela, mas sim a expressão de um tumulto generalizado em meus sentimentos” (BRONTË, 2017, pg 179). Expressar a atração sexual feminina em um livro de meados do séc. XIX é difícil, e talvez por isso umas das críticas sobre o livro disse que ele tinha a tendência de “expressar a paixão com muito apetite”⁶ (THORNMÄHLEN, 2019).

O que também causou resenhas negativas ao romance *A senhora de Wildfell Hall* é que Gilbert Markham é um herói problemático. A maioria dos críticos da época em que Anne

⁵ Resenha publicada na Sharpe London Magazine em 7 de agosto de 1848, pg 181–84.

⁶ Resenha publicada no Whipple, pg 262 em *The Brontës: The Critical Heritage*.

Brontë publicou o livro, concordam que ele começa como um jovem vaidoso e mimado; alguns dizem que ele não melhora ao longo da estória e que o segundo casamento de Helen é outro fardo triste, embora menos difícil do que o primeiro. Outros afirmam que o diário de Helen não causa uma grande mudança em Gilbert, e que ele está mais preocupado com os próprios sentimentos do que com o sofrimento de Helen, que deveria ser sua prioridade já que ele a ama (THORNMÄHLEN, 2019).

Mas as falhas de Gilbert, embora não amáveis, são parte de um padrão: ao contrário dos outros escritores que focam em personagens bons para passar uma lição, Anne Brontë mistura virtudes e defeitos, com exceção de dois vilões: Arthur Huntingdon e Annabella Lowborough, mas nem eles começam como vilões. Helen é chamada de anjo pelos três homens que a amam; mas com toda a sua determinação de viver uma vida religiosa, ela é um ser humano falho que paga um preço terrível por uma decisão errada. Gilbert ama Helen, mas bate no irmão dela, Lawrence; ele atíça os brios de Gilbert insinuando que Helen tem outro homem. Então todos passam por momentos de bondade e maldade durante sua jornada (THORNMÄHLEN, 2019).

Embora os leitores de hoje não se incomodem com a “grosseira ofensiva” de *A senhora de Wildfell Hall*, poucos vão discordar da parte final da resenha de Charles Kingsley para a *Fraser Magazine* de que esse “é um livro doloroso”. Mas não no sentido ruim, e sim porque expõe uma verdade que nem sempre se está disposto a aceitar. Existem, pelo menos, dois motivos para a autora Anne Brontë ter decidido retratar tantos erros. O primeiro deles é que *A senhora de Wildfell Hall* mostra os sete pecados capitais, mas trabalha principalmente o orgulho. Para aprender a ser humilde, os personagens passam por várias humilhações. Até que sua vaidade seja reduzida a quase nada, um processo doloroso e lento. O segundo deles é que o romance fala sobre vício, abuso de substâncias de qualquer tipo. O sofrimento causado pelo vício não é amenizado; o inferno que é viver em Grassdale Manor é detalhado com bastante crueza. Anne Brontë sabia de tudo isso, e em sua determinação de dizer a verdade, ela não poupou os leitores nem a si mesma (THORNMÄHLEN, 2019).

Mas o livro também alcança o sucesso em seu outro objetivo, que é o de proporcionar prazer na hora da leitura. Ao misturar luz e escuridão, esperança e desespero, dor e conforto, a narrativa não dispersa o leitor, levando-o do começo ao fim. Isso graças à capacidade de Anne Brontë em ser uma escritora que pensava longe, ao invés de permitir que seu trabalho fosse apenas um instrumento moralizador, como muitos escritores faziam na época.

5. Considerações Finais

Anne Brontë é uma autora pouco conhecida e estudada no Brasil. Os críticos e estudiosos da família literária do séc. XIX a apelidaram como “a irmã silenciosa”. Com os avanços dos estudos feministas a partir da década de 1970, os dois livros de Anne Brontë passaram a ser estudados com mais atenção. Viu-se ali uma fonte de questões que só seriam levantadas anos depois, como a violência contra a mulher e o divórcio.

O presente artigo busca contribuir com estudos sobre a autora, dando reconhecimento a mesma como uma das primeiras autoras a tratar do assunto violência contra a mulher no meio literário. Além de ser uma das precursoras da Lei do Divórcio de 1857, que contribuiu para que as mulheres se divorciassem.

Espera-se com este artigo divulgar as obras de Anne Brontë, em especial *A senhora de Wildfell Hall*, e despertar o interesse para que a autora saia da posição de menos conhecida para estar ao lado das irmãs com o reconhecimento que as outras duas possuem.

6. Bibliografia

BATTAN, Jesse F. **The ‘Rights’ of Husbands and the ‘Duties’ of Wives: Power and Desire in the American Bedroom, 1850-1910.** *Journal of Family History* 24.1 (1999): 165-186. Academic Search Premier. Web. 15 nov. 2014.

BULLOCK, Meghan. **Abuse, Silence, and Solitude in Anne Brontë’s *The Tenant of Wildfell Hall*.** *Brontë Studies*, 29:2, 135-141, 2004.

BRONTË, ANNE. ***A Senhora de Wildfell Hall*.** São Paulo: Ed. Record, 2017.

COLÓN, Christine Colón. **Enacting the Art of Moral Influence: religion and social reform in the works of Anne Brontë.** *Women’s Writing*, Volume 11, Number 3, 2006.

DOUB, Andrew. **“I Could Do with Less Caressing”: Sexual Abuse in *The Tenant of Wildfell Hall*,** *Criterion: A Journal of Literary Criticism*: Vol. 8: Iss. 2, Article 5, 2015.

FOUCAULT, Michel. ***The History of Sexuality: Volume I: An Introduction*.** New York: Vintage Books, 1990. Print.

GODFREY, Emelyne. ***Masculinity, Crime and Self-Defence in Victorian Literature*.** New York: Palgrave Macmillan, 2011. Print.

JACOBS, N. M. **Gender and Layered Narrative in “Wuthering Heights” and “The Tenant of Wildfell Hall”**. *The Journal of Narrative Technique* 16.3 (1986), 204-219. JStor. Web. 15 Feb. 2016.

KALSBECK, L.J. **His Life Did Harm to Others: Domestic Violence, Abuse, and Gender in Wuthering Heights and The Tenant of Wildfell Hall**. *Faculteit der Letteren, Radboud University*. August, 2016.

LANGLAND, Elizabeth. **The Voicing of Feminine Desire in Anne Brontë’s The Tenant of Wildfell Hall**. *Gender and Discourse in Victorian Literature and Art*. Eds. Anthony H. Harrison and Beverly Taylor. DeKalb: Northern Illinois UP, 1992. 111-123. Print.

LEAVER, Elizabeth. **Why Anne Brontë Wrote as She Did**. *Brontë Studies*, 32:3, 227-243, 2007.

O’TOOLE, Tess. **Siblings and Suitors in the Narrative Architecture of The Tenant of Wildfell Hall**. *Studies in English Literature* 39.4 (1999): 715-731. JSTOR. Web. 18 Nov. 2014.

THORNMÄHLEN, Marianne. **‘Horror and disgust’: Reading The Tenant of Wildfell Hall**. *Brontë Studies*, Vol. 44 No. 1, January 2019, 5–19

TOSH, John. **A Man’s Place: Masculinity and the Middle-Class Home in Victorian England**. New Haven and London: Yale UP, 2007. Print.

SURRIDGE, Lisa. **Dogs’/Bodies, Women’s Bodies: Wives as Pets in Mid-Nineteenth-Century Narratives of Domestic Violence**. *Victorian Review* 20.1 (1994): 1-34. JStor. 19 Feb. 2016.

7. Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por não me deixar desistir nesse momento difícil pelo qual estamos passando e aos meus pais pela paciência, não é fácil ter uma estudante em casa e eu entendo isso.

Não poderia deixar de agradecer o professor Gustavo, que mesmo não tendo sido meu professor durante os quatro anos que fui aluna de jornalismo, foi solícito logo na primeira conversa em que cheguei desesperada querendo fazer meu trabalho final em literatura e não encontrei ninguém que me ajudasse.

Também gostaria de agradecer imensamente a professora Cíntia, do departamento de Teoria Literária e Literatura, que lá em 2018 quando eu mandei um e-mail falando que era estudante de comunicação, admiradora das irmãs Brontë e gostaria de pesquisá-las, me respondeu com “venha me encontrar na minha sala”. A acolhida que não tive no meu departamento encontrei do outro lado do minhocão. Desde então, trabalhamos juntas em um pibic, neste artigo, estamos escrevendo outro e quem sabe, estaremos juntas no mestrado.

Pesquisar a Anne Brontë tem sido uma grata surpresa. Cada vez que leio mais sobre ela, mais descubro uma voz poderosa que quer e merece ser ouvida.

... meu desejo era relatar a verdade, pois a verdade sempre comunica sua própria moral para quem é capaz de absorvê-la.
Anne Brontë